

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

46)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 17, 1838)



ESTATUA DE MOYSES, DE MIGUEL ANGELO.

A ESTATUA DE MOYSES.

A OBRA mais primorosa e acabada, que saíu das mãos do insigne Miguel Angelo, no seu genero predilecto, a sculptura, foi a estatua de Moysés, que está collocada na igreja de S. Pedro *ad Vincula* em Roma; e tem a reputação de ser a mais perfeita de quantas estatuas se conhecem. Figura estar sentado o prophético legislador dos hebreus, exprobando asperamente ao povo a idolatria. Nesta postura ha uma certa magestade e severidade d'expressão, que inculca um entendimento vigoroso, e muito coherente com o caracter que lhe attribue a Sagrada Escripura. Além da gravidade e attitudo grandiosa desta figura, a sua verdade anatomica tem sido altamente louvada e admirada.

Miguel Angelo Buonarotti, illustre em todas as artes liberaes, nasceu na Toscana em 1474, e descendia d'uma familia nobre. Convidado á côrte do papa Julio 2.^o, que foi o primeiro e apaixonado admirador dos seus talentos, foi-lhe dada uma illimitada commissão para construir um mausoleu: logo que teve acabado o seu plano, desejou entrar em S. Pedro de Roma para ver onde seria convenientemente collocado o tumulo; porém sendo o templo velho e pouco proprio para tão sumptuoso monumento, o pontifice determinou reedificar a igreja de S. Pedro: e foi esta a origem daquella fabrica magnifica que levou cento e cincoenta annos a completar, e que é hoje o esplendor e a ostentação da architectura.

Depois da morte de Julio 2.^o, e por assim lhe ser mandado, Miguel Angelo começou um monumento em memoria do mesmo; porém foi interrompido frequentemente na sua tarefa pelos caprichos e ciumes dos seus grandes patronos, os subsequentes papas. A final, depois de muitas contemplosões e de alterar o seu plano por tres vezes, foi-lhe permittido concluir a obra, e inaugura-la, não em o grande e famoso templo de S. Pedro, como a principio intentara, mas na antiga e curiosa igreja de *S. Pedro ad Vincula*. Este monumento de Julio 2.^o é em si objecto indifferente; ennobrece-o porém a estatua de Moysés, que se não existissem de Miguel Angelo tantas obras primas de pintura, de esculptura, e de architectura, bastaria para immortalisar o portentoso engenho daquelle artista.

Na oração d'abertura recitada por Mr. West na R. Academia de Londres, em 1811, acham-se as seguintes observações ácerca desta estatua.

“Agora seja-nos licito examinar aquellas obras que, desde o renascimento da arte no mundo moderno, se estribam nas bases de caracter appropriado, e correção de contornos, como as dos antigos gregos. A primeira, que chama a nossa attenção, é o Moysés, produção da energica intelligencia de Miguel Angelo. Nesta estatua as feições, a expressão, a attitudo foram levadas a tal auge de perfeição e grandesa, que ainda não foi excedido pela arte moderna. Nesta figura de Moysés Miguel Angelo fixou o typo inalteravel do legislador hebreu, um caracter delineado e justificado pelo texto dos livros sanctos. Demais, este caracter era bem adaptado á sublimidade das concepções do artista, e á grande energia de seus sentimentos. Por isso, em caracter mental, esta figura occupa o primeiro lugar na moderna arte; e julgo que posso aventurar-me a dizer que não tem competidora na antiguidade, exceptuadas as de Jupiter e de Minerva pelo celebre Phidias.”

Este juizo proferido por um homem sabedor na materia, e tambem artista, servirá de confirmar a opinião vantajosa, que o publico, ha longos annos, tem formado ácerca da obra prima de Buonarotti; se

acaso não é um corollario dessa mesma opinião, que o bom gosto nas artes tem fundamentado.

BRASIL [*].

III

POPULAÇÃO — CHARACTER, USOS E COSTUMES
DOS HABITANTES — PRODUCTOS.

É DIFFICILIMO determinar positivamente qual seja em verdade a população do Brasil. Pelos calculos de Balbi, que são os mais documentados e miudiados, este imperio contém 3:617:900 individuos; mas Saint-Hilaire prôva que a povoação cresce rapidamente no sertão. Spix e Martius, viajantes allemães recentes, e que são, de todos, os que viram maior numero de nações indigenas, avaliam o total dos indios naturaes em 1:000:000 de almas. Esta avaliação é muitissimo arbitraria; quando por outro lado o numero dos escravos pretos é assaz incerto. A escravatura, contra a qual os inglezes se declararam desde que perderam a maior parte das colonias que tinham na America, tem continuado quasi do mesmo modo, apesar dos seus cruzeiros. Como o indica Humboldt vê-se pelos documentos apresentados em 1821 na camara dos commons em Inglaterra, que só nos pórtos da Bahia e Rio-de Janeiro entraram no anno de 1817 — 24:102 escravos; no de 1818 — só ao Rio-de Janeiro foram 19:802. A escravatura, em vez de diminuir, tem ido em augmento desde então para cá. Em 1821 o Rio recebeu 21:111 escravos, em 1822 — 24:934, e em 1823 — 43:055; ao passo que o numero dos escravos tomados pelos cruzeiros inglezes desde 1819 até 1823, apenas sobe a 13:231. Isto prôva que a população dos pretos deve ter augmentado consideravelmente.

Freycinet, viajante moderno, assenta que a população do Brasil sobe a 4:471:558, dando 300:000 almas á gente ainda selvagem, e o resto á que vive sujeita ás leis da sociedade. Este calculo é feito pelas contas dadas á mesa da consciencia e ao desembargo do paço.

Saint-Hilaire avaliava a população brasileira em 1820, em 4:393:332; mas Humboldt e Rugendas a orçam hoje por 4:000:000 d'almas.

A incerteza que ha a respeito da população geral do Brasil, é ainda maior pelo que toca aos aborigenes, ou indios naturaes. Os mais habeis estatisticos deram-lhes, por assim dizer, á toa, 259:400 almas. É claro que não ha modo nenhum de ir fazer o recenseamento das numerosas tribus que habitam ainda na Amazonia, e nas vastas selvas das antigas capitancias de Goyaz e Matto-Grosso, quando difficilmente se poderia avaliar a população india da banda oriental, com que se tem muito tracto e frequencia.

Composto de tantas raças distinctas, habituado, segundo a situação das provincias, a generos de vida tão diversos, o povo brasileiro não é daquelles cujo caracter se possa descrever exactamente em breves palavras. Comtudo, talvez não fosse arrojada opinião o compara-lo aos francezes, ou antes chamar aos brasileiros os francezes da America. Se entre elles se considerarem individualmente os homens das raças differentes, e até oppostas, de que a nação é formada, difficiloso empenho será fazer uma idéa apurada do caracter nacional, cujos principaes toques são a vivacidade e a agudeza junctas a certa leveza, que nem sempre a reflexão alcança moderar. Tem commumente os brasileiros notavel aptidão para o estudo das sciencias e das boas lettras, e é de esperar que de fu-

(*) Veja-se a pag. 36 deste vol.

turo venham por esta parte a servir de modelo ao resto do Novo-Mundo. O caracter dos habitantes de cada uma das provincias já está marcado por uma especie de opinião publica, que attribue a estes ou aquelles tal ou tal qualidade. O paulista passa por teimoso, valente, e emprehendedor; o habitante de Minas por leal e agasalhador; o de Serecipe por vingativo; o pernambucano por independente e isento. Certo é que cumpre andar pelo Brasil para julgar da exacção destas distincções, que existem em todas as nações grandes da Europa, e que não podem deixar de se ir modificando, segundo o augmento que houver na industria, e na bondade das leis e instituições. Diremos enfim, que, em summa, a nação brasileira tem já em si todos os recursos moraes e intellectuaes necessarios para vir a ser uma nação que figure no Universo.

Pelo que toca aos indios que ainda vivem fóra das branduras, e bom viver da civilisação, cabe aqui dizer que são aptissimos para virem a entrar no gremio da sociedade, e que no meio da sua bruteza, lá dão signaes de algumas virtudes dignas de estimação. Do valor destes indios se encontram boas provas nos viajantes, assim como da boa fé com que guardam seus contractos, quando a frequentação dos europeus lhes não tem mostrado que a má fé tambem ás vezes lhes é precisa para não serem enganados e opprimidos. Disto e da sua capacidade para toda a casta de trabalho e industria, achará o leitor sobejos testemunhos e argumentos na celebre obra do bispo de Pernambuco, Azeredo Coutinho, intitulada *Ensaio Economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*, onde se refuta completamente o que sonhou Montesquieu ácerca da inhabilidade e covardia dos povos de paizes quentes.

O que dissemos a respeito do caracter, pode-se em grande parte applicar aos costumes. Pelo que toca ás diversas raças, as nações indigenas vão gradualmente perdendo o seu instincto primitivo, e os pretos, privados da liberdade, amoldam a indole aos costumes que os obrigam a tomar; faça-se, porém, justiça: neste paiz de senhores e escravos, longe estão os costumes de serem crueis, como em muitas colonias europeas; e desaffogadamente se póde affirmar que em nenhuma região do Novo-Mundo são mais bem tratados os pretos: e cumpre notar que as distincções que nascem da cor da pelle são no Brasil menos sensiveis do que em outra qualquer parte. Pelo que respeita á moralidade, os costumes dos brasileiros parecem-se com os dos outros povos da zona torrida; e desgraçadamente o clero, que é numeroso, nem sempre se mostra austeramente puro. Da religiosidade do Brasil podemos dizer que tem toda a pareença com a de Portugal; isto é, consiste mais em ceremonias externas, do que em espirito e em verdade.

Resta-nos fallar neste artigo das produções do Brasil. Faze-lo com individuação fóra materia para muitos volumes: até em breve compendio não coubera nos limites de um artigo de jornal. Mencionaremos, portanto, só o que ha mais notavel.

A pedra de silharia que ha no Brasil é má; e por isso vae tanta de Portugal: entretanto nas visinhanças do Rio-de Janeiro ha pedreiras de *gneiss* e de granito; e dizem que se acha marmore no districto de Sabará. — M. A. do Casal falla de pedreiras de pedra calcarea, de pedra de affiar e de amolar, de lousa, de amianto &c.; mas sem dar sobre este objecto noticias particularisadas.

As pedras preciosas de Minas-Geraes, e de outras partes do Brasil são variadissimas; mas, por via de regra, teem menos valor que as da India oriental. As minas principaes dellas são no districto de Tijuco.

De metaes preciosos acha-se tambem abundancia; mas a maior parte delles tiram-se á superficie da terra. Ultimamente se formou em Minas uma companhia ingleza de mineração que tem prosperado, e que deve trazer grandes vantagens ao Brasil. Além das minas de ouro de Minas-Geraes, de Minas-Novas, de Goyaz, de Matto-Grosso, e das de prata de Cerro do Frio, da Serra d'Andaya, do Rio da Prata, e de Minas-Geraes, ha muita platina [ouro branco] na Serra de Mendanha e em outras partes; chumbo no Rio de S. Francisco, zinco em Tocayos, e em Jiquitinonha; cobre na visinhança do arraial do Inficionado; e, segundo o erudito Sr. Barão de Eschwege, o europeu que, sem duvida, melhor conhece o solo do Brasil, o ferro é tanto em Minas, que teria sufficiente para abastecer todo o mundo, sem que nunca alli se esgotassem as minas delle.

Se quizessemos tractar de todas as plantas valiosas que produz o Brasil seria um não acabar. Bastará lembrar, entre as medicinaes, a ipecacuanha, a quina, a anda assú, a gomphrina, a jalapa, &c.

O que não podemos deixar de notar é a grande abundancia de madeiras proprias para navios, trastes, e construcções de todo o genero, que se acham nos immensos bosques do Brasil. Tanto nas selvas das praias do mar, como nas dos sertões, crescem ás mais formosas madeiras para marcenaria, e as mais rijas e grossas para edificios e embarcações, taes, como não é possivel encontrar em todo o resto da America Meridional. A grandesa de muitas especies de arvores é espantosa. Pitta na Historia da America Portugueza faz menção de canoas feitas de um só toro, tão grandes que tinham dezeseis e vinte palmos de diametro, e que transportavam cincoenta ou sessenta caixas de assucar, de quarenta arrobas cada uma. Herrera falla de arvores de páu-brasil que tinham 150 palmos de alto, e 9 de diametro.

Ha varias arvores no Brasil que distillam breu, segundo o já citado Azeredo Coutinho, só com o calor do sol, e outras que tambem distillam varias gomas e resinas, e o aromatico beijoim, de que nas egrejas de Pernambuco se usa em logar do incenso.

Cria-se naquella região maravilhosa grande copia de gado, sendo o vaccúm tanto, que se matam centenaes de bois só para lhes aproveitar o couro. D'antes custava um boi no Rio-grande 700 réis e um cavallo seis ou oito tostões. Igual abundancia ha de carneiros.

Pelos mares e rios do Brasil vivem cardumes de peixes, e as pescarias daquella nação podem chegar a grande apuro. As baleas frequentam as costas, e ha quem affirme apparecer nestas o bacalháu. O peixe garôpa é já no Brasil objecto consideravel de commercio.

METEOROLOGIA.

Observações sobre a quantidade de chuva annual em Lisboa, comparada á de outros pontos do globo, por M. M. Franzini.

2.^o

Reunindo em cada uma das zonas ou regiões parallelas ao Equador um grande numero destas observações para que desapareçam as causas locaes que teem sobre este fenomeno a maior influencia, como é evidente comparando por exemplo as chuvas de Londres com as de Kendal, situada 65 leguas ao NNO. daquella capital, ou as de Veneza com as da Carfagnana, situada 20 leguas ao norte, se descubriu que a quantidade média da chuva annual augmenta á proporção da visinhança ao Equador, se-

guindo por consequencia o augmento da temperatura ou o calor das mencionadas zonas. Pelo contrario o numero dos dias de chuva seguem uma marcha inversa da precedente, observando-se que entre 12 e 33.^o de latitude septemtrional não excede este numero a 80 dias; que desde 33.^o a 43.^o já sóbe a 90 dias; que desde 43.^o a 46.^o chega a 105 dias; e na latitude de París 48.^o 50', já attinge 134 dias, e sóbe a 161 na zona comprehendida entre 51.^o e 60.^o de latitude.

É por isto que debaixo dos tropicos cáe muito maior quantidade de chuva que nos climas temperados. Segundo observações muito exactas feitas em Bombaim, na India, resulta por um médio deduzido em 8 annos, que a chuva annual é de 2350 millimetros, ou 4 vezes maior que em Lisboa, sendo mui notavel, que toda esta enorme quantidade de chuva cáe, pela maior parte, nos mezes de Junho, Julho, Agosto e Setembro.

Cayenna, na America meridional, parece ser tambem um dos pontos do globo em que cáe maior quantidade de chuva. — O almirante Roussin, tão conhecido na marinha real de França pelos seus excellentes trabalhos hydrograficos, e pelas suas proezas militares, viu cair em 14 de Fevereiro, no curto intervalo de 10 horas, 278 millimetros, ou quasi um terço da chuva annual de Lisboa. — Assevera aquelle illustre general, que no referido mez de Fevereiro caíram 4079 millimetros, ou quasi 7 vezes a chuva de um anno em Lisboa.

Outro exemplo das influencias locais encontramos no clima do Rio-de Janeiro, o qual apesar de se achar nos limites dos tropicos, com tudo offerece um maior numero de dias de chuva annuaes do que lhe competiria pela regra deduzida das observações geraes. Segundo as excellentes observações feitas naquella cidade, desde 1782 até 1787, pelo habil astrónomo Bento Sanches Dorta, consta que o numero médio annual daquelles dias era de 132, variando desde 98 até 150 nos referidos annos; e a quantidade de chuva desde 1044 millimetros até 1461. É tambem assaz notavel o grande numero de trovoadas que então alli appareciam, e que variou nos annos mencionados desde 33 até 60, sendo o médio annual de 45 dias. Consta vagamente que este phenomeno, assim como a quantidade de chuva annual, tem diminuido posteriormente, o que, a ser verdade, se poderá attribuir aos numerosos desbastes de grandes arvoredos, que existiam nas visinhanças daquella capital.

Não se tinham ainda mencionado nos nossos climas semelhantes diluvios de chuva, quando no fim de 1822 annunciaram as gazetas que tinham caído em Genova em um só dia, 25 d'Outubro, 30 pollegadas ou 812 millimetros. Este resultado, nunca ouvido, causou alguma desconfiança ao principio sobre a veracidade do phenomeno, mas tendo os astrónomos de París consultado a M. Pagano, observador muito exacto residente em Genova, reconheceram a verdade do facto, comprovada por muitas observações que todas concordaram em fixar a dita quantidade de chuva, porém este metéoro ou manga de agua abrangeu pequeno espaço de terreno. Segundo o diario meteorologico das observações feitas pelo auctor deste artigo, consta que naquella dia não houve chuva em Lisboa, sendo para notar que no dia 23 do mesmo mez houve forte tempestade do SO. acompanhada de grande quantidade de chuva, que subiu a 45 millimetros desde o meio dia até as 5 horas da tarde, pelo que se vê que precedeu dois dias a grande chuva de Genova. Em Lisboa a maior chuva que se tem observado em curto periodo foi a de 21 de Dezembro de 1815, em cuja tarde caíram 80 millimetros, e a

maior, no intervallo de um mez, foi a de Janeiro de 1823 em que caíram 267 millimetros, ou mais de um terço da chuva annual. — A de Janeiro do anno corrente de 1838 não excede a 230 millimetros.

Tem-se asseverado, sem fundamento, que chove menos no alto mar do que em terra. Encontra-se no Diario do capitão Tuckey uma observação que desmente esta opinião. A 12 de Maio de 1816 em 2.^o 30' de latitude norte, e 4.^o de longitude occidental do meridiano de Londres, caíram 90 millimetros de agua sobre o convez do seu navio no curto intervalo de 3 horas. — Com tudo os exemplos de tão grandes chuvas em curtos intervalos são raros, tanto em terra como no mar, especialmente nos climas temperados.

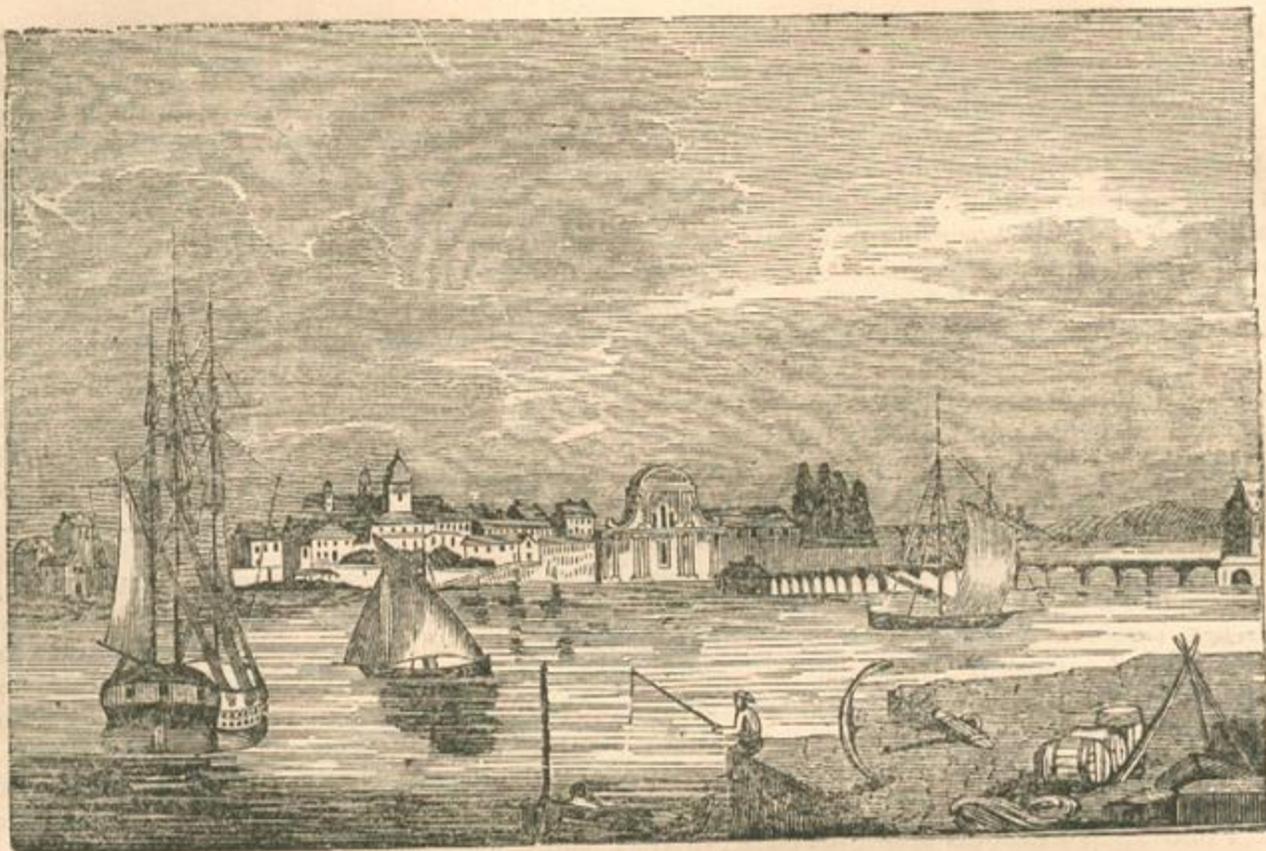
Em circumstancias identicas cáe sempre maior quantidade de chuva nos paizes montanhosos do que nas planicies; ao longo do golfo Adriatico, a quantidade annual da chuva é quasi de 700 millimetros, quando ao mesmo tempo nas montanhas do Frioul, em Feltre, Talmeno, e Carfagnana, chega a exceder 2700 millimetros, ou quasi 5 vezes a quantidade annual de Lisboa, pelo phenomeno que é devido ás altas serranias que lhe ficam ao norte, as quaes embaraçam o caminho ás nuvens que sobem pelo Adriatico carregadas de vapor aquoso, que alli se condensa.

A taboa seguinte, mostra a quantidade média da chuva que cáe annualmente nas cidades, cujos nomes vão designados, e que são o resultado de numerosas observações.

Millimetros.

Cabo-Francez [ilha de S. Domingos]	3030
Granada [ilhas antilhas]	2840
Tivoli [ilha de S. Domingos]	2730
Carfagnana [Italia]	2490
Bombaim [India]	2350
Calcutá [India]	2050
Kendal [Inglaterra]	1560
Genova	1400
Charlestown	1300
Rio-de Janeiro	1261
Pisa	1240
Napoles	950
Douvres	950
Milão	940
Lyão	890
Liverpool	860
Manchester	840
Veneza	810
Lilla	760
Utrecht	730
Bruxellas	670
Lisboa	590
Londres	533
París	533
Petersbourg	460
Upsal	430

Este quadro demonstra com a maior evidencia a poderosa influencia das localidades, como acima notamos, e é muito provavel que se em Portugal se fizessem destas observações achariamos resultados bem interessantes para se explicarem muitos phenomenos agronomicos do nosso paiz. É assaz provavel que a grande fecundidade da cova da Beira, proceda em parte das abundantes chuvas que a proximidade e posição da elevada serra da Estrella deve ahi produzir, embaraçando o caminho ás nuvens que vem do sul, porém estas observações são por ora inteiramente desconhecidas por falta de uma louvavel curiosidade.



BAYONNA.

BAYONNA.

NA CONFLUENCIA do Nive e do Adour, situada n'um bellissimo valle, formado por tres eminencias, está Bayonna de França, distante do mar obra d'uma legua, com um porto d'entrada difficil, porém de muito activo commercio, o qual é principalmente de commissão e transição entre a França, a Hespanha, e o norte da Europa.

Os habitantes desta cidade são intrepidos, e laboriosos; e foram elles os primeiros, que em fracas embarcações se atreveram a intentar a pescaria das Baleas, ha mais de dois seculos, nos mares da Groenlandia. Ainda actualmente se não encontra pelas ruas de Bayonna uma certa porção de população, superabundante e miseravel, que entulha as ruas d'outras cidades populosas, e egualmente commerciantes. Nesta, todas as classes d'habitantes, todas as profissões, formam associações divididas em companhias, e sujeitas a regulamentos especiaes; até os enfardadores, e os homens dos fretes teem seus capatazes e regimentos, bem como os das nossas alfandegas. Porém, o que é ainda mais notavel, todos estes formam uma especie de confraria mutua, que lhes dá união, força, e interesses. Toda a população de Bayonna apresenta a imagem d'uma immensa familia, cujas ramificações diversas estão estreitamente ligadas umas com as outras. Cada uma preenche a sua posição social; mas todas mutuamente se auxiliam.

Esta cidade é o canal da exportação de muitos artigos d'industria e de cultura do interior do paiz; e julgamos que a fama dos presuntos que alli se embarcam, com quanto inferiores sejam aos das nossas provincias do norte, não será desconhecida ao geral dos nossos leitores.

Bayonna, finalmente, será sempre celebre nos factos sanguinolentos da guerra, pela invenção terrivel da bayonneta, arma que em mãos valentes tantas vezes decide a sorte dos combates.

A ESPERANÇA DO PREMIO.

POR ventura haverá alguém, que possa levar o gol-

pe da adversidade sem algum premio? — Não por certo. Ella, por si só, é desacommodada e espantosa.

Veja-se aquella fadiga com que se alcança; veja-se aquella paciencia com que se espera. Como se fizera toleravel ao lavrador lidar um anno, e muitos annos, com a terra fria e esteril? — Domar animaes bravos, conversar com feras brutas, soffrer inclemencias de encontrados elementos, depender de astros malevolos, perigar nos varios ares, viver delles [que é peor]; senão por aquelle premio que espera, por aquella esperança que o aconselha ao ouvido, e o persuade a levar o peso de tal trabalho, porque enfim lhe dará fructo, honra, e premio? — *D. Francisco Manuel de Mello.*

AS CRUZADAS.

AS CRUZADAS foram uma das mais notaveis provas do quanto o fanatismo é capaz de accender as paixões humanas. Estas guerras em que a Europa se arremetia, por assim dizer, sobre a Asia, teem sido julgadas differentemente, segundo a face por onde cada escriptor as encarou. Posto que neste logar não cabe desinvolver a nossa opinião, parece-nos que, ainda que muitos males causaram durante a epocha em que foram feitas, dellas resultaram grandes beneficios nos tempos posteriores. As cruzadas prepararam a queda do feudalismo: abriram as portas ás letras e á civilização oriental, e crearam o espirito cavalleiroso que tanto amansou a feresa da idade media: estes bens foram reaes; foram grandissimos. Como as cruzadas tinham um motivo religioso, os philosophos do seculo passado levantaram grande clamor contra ellas; mas nos nossos tempos, tem-se feito justiça ás intenções que as geraram, e aos resultados que dellas provieram. Deixando, porém, de parte, essas questões, daremos aos nossos leitores uma idéa, o mais resumida que nos fôr possivel da historia destas celebres invasões.

No meado do seculo 11 os romeiros christãos encontravam taes difficuldades em visitarem o sancto sepulchro, pelos vexames que os sarracenos, senhores de Jerusalem, lhes causavam, que voltavam á Europa fazendo a mais triste pintura do estado a que se achavam reduzidos aquelles logares sanctificados pe-

las reliquias e primeiros monumentos do christianismo. Aos seus queixumes, e á voz do papa Urbano 2.^o todos os povos christãos se ergueram para correrem a Jerusalem, debaixo do estandarte da cruz.

No outomno de 1096, 200:000 entusiastas destes correram de todas as partes da Europa a Constantinopola, capitaneados por um sacerdote de Amiens, chamado *Pedro Eremita*. Quantos judeus encontraram pelo caminho tantos mataram. Passando depois a maior parte delles para a Asiaahi foram exterminados por Soleymano.

No anno seguinte não menos de 100:000 cavalleiros e 600:000 homens de pé atravessaram o Bosphoro, indo á testa delles Godofredo, Hugo, Raimundo, Boemundo e Tancredo, os quaes desbarataram Soleymano e um exercito de 600:000 asiaticos. Obra de 500:000 dos invasores pereceram em dois annos; mas tomando de assalto a cidade de Jerusalem, o exercito christão poz á espada todos os inimigos vencidos, por ordem de Pedro o Eremita.

Godofredo foi então eleito rei de Jerusalem: outro exercito de 200:000 homens partiu da Europa dirigindo-se á Palestina, cometendo roubos e devastações nos paizes por onde passou, parte delle foi aniquilado no caminho pelos povos que opprimia, e o resto destruido aos poucos por Soleymano. Quasi 40 annos depois o rei de França e o imperador de Alemanha, acompanhados por S. Bernardo passaram á Asia com 300:000 soldados; mas foram rechaçados por Saladino, que, tendo reconquistado Jerusalem, longe de se mostrar cruel, havia impedido o derramamento de sangue, concedendo liberdade e tolerancia aos christãos, em 1137.

Em 1190, os reis de França e de Inglaterra, e o imperador de Alemanha, marcharam com quasi meio milhão de soldados para uma nova cruzada. O imperador morreu affogado, e, posto que Ricardo rei de Inglaterra ganhou uma grande victoria contra Saladino, teve que voltar quasi só, e passando por Alemanha foi retido e conservado largos annos n'uma prisão.

No anno de 1212 uma nova expedição partiu para a Palestina, capitaneada por Balduino; mas, travando-se contendas, na sua passagem, entre elle e os gregos de Constantinopola, Balduino derrubou o governo e se fez acclamar imperador. João de Brienna partiu depois em 1219, e desembarcando no Egypto com 100:000 homens, tomou Damietta, mas perdeu o seu exercito com uma inundação do Nilo.

A ultima cruzada foi a de S. Luiz, rei de França, que se embarcou com 200:000 homens em 1800 navios, e aportando ao Egypto foi desbaratado pelos sarracenos, e aprisionado em 1250. Apesar de ter sido bem tractado, e posto em liberdade em 1270, tornou outra vez a partir para guerrear os infieis, e, desembarcando em Tunes, elle e a maior parte dos seus soldados morreram de peste. Assim acabaram as guerras das cruzadas, que custaram á Europa e á Asia 40 milhões de victimas.

APRENDER Á PROPRIA CUSTA.

GASPAR da Costa e Attaide era um celebre general do mar no tempo de D. Pedro 2.^o: foi o terror dos mouros; esbombardeou a cidade de Fez; e queimou uma esquadra mourisca no porto de Mequinez, impondo depois uma contribuição á cidade. Delle se conta a seguinte anecdotia.

Sendo mandado sair de guarda-costa, em certa occasião, representou que a náu capitania fazia agua; mas os mestres da ribeira das náus informaram a elrei, que muito desejava que a esquadra fosse em bom

estado, de que a embarcação ia bem concertada. Calou-se Gaspar da Costa, e pediu só a elrei que os mestres fossem a bordo para á vista delle melhor examinarem o estado do navio. Conveio nisto elrei; e logo que o general teve a mestrança embarcada, mandou levantar ferro. A' saída da barra começou a náu a fazer muitas pollegadas de agua. Sem mais cerimonia, Gaspar da Costa mandou que o serviço das bombas fosse feito pelos mestres da ribeira [que nesse tempo andavam de capa e volta], e só depois de muitas rogativas fez virar de bordo, e entrou em Lisboa. Dirigiu-se immediatamente ao paço, a avisar elrei de que estaria finalmente pelas informações que dessem os mestres ácerca do estado da náu.

SEMENTEIRAS DE MELÕES.

ESTA sementeira faz-se em ponto bastante grande em muitos sitios do nosso reino, porém não com tanto proveito como poderia tirar-se, se os cultivadores observassem os preceitos, que uma experiencia illustrada tem ensinado. Tractamos agora desta materia, propria da estação, porque a suppomos de muita applicação e utilidade.

A primeira qualidade, que se requer na terra destinada a meloal é ser muito alqueivada ou surribada varias vezes com antecipação, para se poderem estender as raizes dos melões, e desinfecar-se a terra dos gazes que possui.

2.^o — Muitos lavradores deitam estrume novo na sementeira dos melões, o que faz queimar a semente, e por esta causa muitas vezes não nasce, e outras definham-se as plantas, e não chegam a dar fructos perfectos. Por isso é necessario para esta sementeira estrume velho e bem curtido, e se não o houver, deve previamente lançar-se o estrume sobre a terra, e deixa-lo estar um ou dois mezes sem fazer a sementeira.

3.^o — Nascidas as plantas não se deixa senão um pé em cada cova, arrancando os outros. A distancia de umas covas ás outras deverá ser uma braça pouco mais ou menos.

4.^o — Os melões mais saborosos são os que se criam sem agua; porém em algumas terras carecem de ser regados, e com isto se criam bem, e produzem muito: mas é necessario que a agua ande á roda da terra em que está o meloeiro, e nunca chegue á planta, porque a prejudica. No entanto nas visinhanças do Porto largam-lhe a agua a granel sem que lhe faça mal. Estamos em que isto procede das temperaturas, e das qualidades das terras.

5.^o — Os meloeiros não podem prosperar sem serem capados duas e tres vezes, operação que deve fazer-se pela força do sol, para este cicatrizar os golpes; porque tem-se observado que os capados pela manhã, ou juncto á noite, melam-se ou damnificam-se. A hastea do meio é a que se deve cortar, assim como deve haver cuidado de tirar toda a flôr depois de vingado algum melão: porque só desta maneira se podem crear melões do peso de 50 arrateis, como o que appareceu ha annos na mesa de Mr. Thiers, ministro do interior em França.

6.^o — Os meloeiros que houverem de ser arrancados podem transplantar-se para as covas, onde morreram todas as pevides: neste caso tirar-se-hão com muita terra sem offender as raizes, que estão pegadas, e devem enterrar-se com a mesma terra na cova para onde se mudam.

7.^o — Podem por-se nas extremidades das covas dos meloeiros, e longe delles, alguns feijoeiros, que não lhes fazem mal: deve porém evitar-se outra qualquer sementeira perto dos meloeiros; principalmente da

parte do norte, que é o vento predominante de verão, não devem semear-se plantas da mesma especie do melão, porque os ventos transportam o pó fecundante das flôres d'umas plantas para as outras, o que as faz degenerar.

8.^o — Também é mui conveniente mudar as sementes dos melões, porque são mui susceptíveis de degenerar. Devem procurar-se para o sul sementes vindas do norte, e para o poente as de nascente. Os Srs. Caldeiras, da Borralha, juncto a Agueda, que foram emigrados em França e Inglaterra, têm colhido grande produção e vantagem das sementes, que trouxeram daquelles paizes.

9.^o — Quando depois de capados os meloeiros ainda brotam muita flôr inutil, costumam fustiga-los com varas, o que lhes aproveita.

10.^o — As terras, que vulgarmente chamam argilosas e barrentas, são muito proprias para meloões, mas é muito conveniente misturar-lhes terras pretas e grossas, e tambem das lodosas, fazendo-se esta mistura com anticipação no sitio das covas do meloal: as terras assim caldeadas além de facilitarem o perfeito desinvolvimento das raizes, communicam aos fructos maior copia de particulas nutrientes.

VINAGRE AROMATICO.

ESTA composição é indubitavelmente conhecida pela maior parte dos nossos leitores, tanto pelo cheiro forte, e agradável, como por seus effeitos beneficis nas enxaquecas, e nos espasmos nervosos, e deliquios, a que o sexo feminino particularmente é sujeito.

O nome chimico do vinagre é *ácido acetico*, ainda que restrictamente fallando só compete á porção acre deste liquido util. Em seu estado de pureza, o acido acetico se prepara por um processo difficil, e tedioso. É então um fluido, na temperatura de quasi 50.^o, descorado, e de cheiro excessivamente pungente, que produz estimulo nas ventas, e nos olhos, expondo-se incautamente a seus vapores estes orgãos delicados. O acido acetico concentrado é intensamente acre ao paladar: em contacto com a pelle occasiona ardor semelhante ao das queimaduras, acompanhado d'empolhas, e ás vezes d'ulceras. Na temperatura de 45.^o a 50.^o, faz-se solido, crystallizando-se em placas delgadas do brilho das perolas: o seu vapor, como o d'espirito de vinho, é inflammavel em summo gráu.

O vinagre ordinariamente empregado nos usos domesticos é uma solução muito fraca do acido acetico. O vinagre aromatico, vendido pelos boticarios, e droguitas, sendo legitimo, contém duas partes do acido acetico com uma d'agua. Ás vezes lhe chamam *vinagre radical*. Assim diluido ainda o acido tem sufficiente fortaleza para empolar a pelle, causando ardor. A sua fragrança é devida principalmente á camphora, a que em geral ajunctam um pouco dos oleos essenciaes de giroffe, d'alfazema, e d'alecrim, que o acido promptamente dissolve. Se vasarmos algumas gotas do vinagre n'um copinho, o mixto assumirá instantaneamente uma apparencia láctea, occasionada pela separação dos aromaticos do acido, que em seu estado diluido já não pôde conserva-los em dissolução: a camphora fluctuará no liquido em fórma solida, e se reconhecerá distinctamente por seu cheiro particular.

O vinagre aromatico requer ser guardado em vasilhas bem tapadas. Nunca se deverá applicar a qualquer pessoa em quantidade maior do que a que pôde absorver a esponja para isso destinada.

CASAS DOS MORTOS.

EM varias cidades de Alemanha existem certos estabelecimentos publicos chamados *Casas mortuarias*. Servem estes estabelecimentos para ahi se depositarem os mortos durante certo tempo para haver a certeza de que realmente a vida está extincta, e que os corpos começam a decompor-se, sendo por tanto impossivel a resurreição, e os casos que mencionamos no artigo sobre a catalepsia [*]. Dura a demora dos cadaveres naquelle deposito obra de oito dias. A casa mortuaria é, além disso, uma habitação muito bem arranjada e reparada: tem fogões que lhe conservam sempre uma temperatura tepida: as janellas tem cortinados que só deixam entrar uma luz branda, e o aceio do solho e paredes é o maior que é possivel.

A casa mortuaria encerra uma duzia de camas enfileiradas como no dormitorio de um collegio, bem feitas e fôfas. Ao pé deste quarto do deposito está sempre um guarda encarregado de vigiar se apparece o menor signal de vida em algum dos cadaveres. Tem á mão tudo o que é necessario para, neste caso, acudir com promptos soccorros. Tomam-se alli as precauções com tal cuidado, que a um dos pés de cada cadaver se ata a corda de uma campainha que vac dar ao quarto do guarda: assim que ha um minimo movimento do corpo, logo ha aviso de que entre aquelles cadaveres, ainda ha alguem com vida. Haverá 40 annos que em Alemanha se começaram a estabelecer estes depositos. Seria conveniente, ou antes necessario que em todos os paizes se seguisse tão bom exemplo, com que se preveniriam muitos casos desgraçados que se ignoram, porque é a terra quem os encobre.

Punição d'um adulterio — A historia nos ha transmittido uma prova memoranda da firmesa e justiça de Mahmud, sultão de Ghizné. Vindo queixar-se-lhe um pobre homem de que um moço nobre o ía descaradamente offender a sua casa nos mais sagrados direitos conjugaes, o sultão lhe ordenou que o advertisse a primeira vez que isto acontecesse. Obedeceu o pobre, e Mahmud entrando-lhe em casa, apagou uma alampada que alli ardia, e encontrando o amante, d'um golpe de alfange lhe separou a cabeça. Pediu então luz, e como reconhecesse o cadaver, ajoelhou, e deu graças a Deus. Depois fazendo que lhe trouxessem agua bebeu sofregamente. "Admiras-te destas minhas acções, disse finalmente ao marido, porém sabe que desde que me pintaste o ultraje que te faziam, não comi, nem bebi, nem repousei. Pensava que só um filho meu podia ter o atrevimento de commetter publicamente tão grave delicto. Deliberado a fazer-te justiça, apaguei a alampada para que a sensibilidade de pae me não vedasse o desempenho dos deveres de soberano. As preces que me viste fazer eram acções de graças ao Omnipotente quando vi que não fôra obrigado a matar um de meus filhos, e bebi como um homem que morria á sede.

Origem do organ. — O organ, usado nos templos, é o maior e mais complicado de todos os instrumentos de vento, pois consta de teclado, follés, e grande numero de canudos. Alguns auctores attribuem sem prova a David a invenção deste instrumento musical, que pertence, segundo os chins ao seu imperador Hoang-Ti [2:601 annos antes de J. C.]. O primeiro organ conhecido na França, foi enviado, em 757, por Constantino Copronimo a Pepino, que o mandou para a igreja de S. Cornelio em Compiègne. Só no

(*) Vol. 1, pag. 148.

seculo 13.^o é que começou a ser geral o uso do organ nas egrejas.

Maneira de gravar em aço com uma penna. — Aquece-se a folha d'uma faca, d'uma espada, &c.; esfrega-se com cêra branca, de maneira que fique cuberta d'uma camada bem igual, de quasi meia linha de grossura. Escreve-se então com uma penna sobre a cêra de maneira que os traços cheguem ao aço. Derrama-se por cima da gravura um pouco de vinagre, que se salpica de *deuto-chlorureto de mercúrio* [sublimado corrosivo]. Dois minutos depois expõe-se a folha ao calor para lhe tirar a cêra, e apparece mui distinctamente a gravura sobre a lamina.

Conservação das carnes. — Os cortadores, na Suissa, costumam esfregar as paredes e as madeiras das suas lojas com oleo de louro, para preservar a carne das moscas e da corrupção. Este processo simples e pouco dispendioso, faz-se muitissimo recommendavel.

Destruição dos pulgões. — Os pulgões são inimigos que ainda senão poderam destruir, e de que é muito difficil diminuir o numero. Observou-se que n'um viveiro de couves nenhuma das novas plantas tinha sido atacada, quando uma planta de rabam-redondo, que estava no meio, estava coberta de pulgões que a roiam. Houve quem disto concluisse que este alimento convinha mais áquelles insectos, e que quando o tinham, não iam procurar outro. Desde então tiveram sempre o cuidado de semear rabãos-redondos ao pé ou mesmo no meio das plantas que queriam livrar do pulgão, e este meio sempre teve bom resultado. E' de advertir que nem se quer se inutilisa a planta que se lhes sacrifica, por que elles só lhe devoram as folhas, e nós não comemos senão as raizes.

Remedio para curar os cancos e outras chagas das arvores. — Este remedio consiste em cortar ou pellar, na primavera as partes damnificadas da arvore, em esfrega-las n'um dia de sol claro com therebentina, e deitar-lhe fogo; depois tornam-se a cobrir com uma camada da mesma substancia, que fórma uma especie de verniz que abriga a chaga do contacto do ar e auxilia efficaçmente a sua cauterisação. — [Vide Panor. vol. 1.^o pag. 72.]

Dicto de Fenelon — Fenelon, o immortal auctor do *Telemaco*, livro composto para a educação d'um rei, porém que tem servido mais para a dos povos, costumava dizer: *Eu amo mais a minha familia do que a mim proprio; mais a minha patria do que a minha familia; e ainda mais o genero humano que a minha patria.* Nestas palavras recopilava este insigne escriptor, e virtuoso homem, todos os seus sentimentos e todos os seus deveres: e com effeito o prelado de Cambrai foi o bemfeitor da sua familia, um dos brilhantes titulos de gloria do seu paiz, e um modelo para a humanidade.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

11 de Março.

1544 — Nasceu em Sorrento Torquato Tasso, auctor da *Jerusalem Libertada*.

12

1514 — Entram em Roma os embaixadores delrei

D. Manuel, levando ao papa as primicias do Oriente novamente descoberto.

1518 — O rei de Bintão ataca por mar e terra a nossa fortaleza de Malaca, e depois de 20 dias de furiosos combates é obrigado a levantar o cerco com grande perda.

13

1562 — Põem os mouros cerco á nossa praça de Mazagão.

1615 — Os portuguezes de Baçaim fazem levantar o cerco que os capitães do grão-Mogol tinham posto á cidade: os inimigos se retiram, inteiramente desbaratados.

1695 — Morre o celebre fabulista francez, Lafontaine, com 75 annos de idade.

14

44 — Julio Cesar é morto no senado por Bruto e pelos mais conspirados.

1319 — Institue elrei D. Diniz a ordem de Christo.

1803 — Morre em Hamburgo com 80 annos de idade o poeta allemão Klopstock, auctor do *Messias*.

15

1558 — Morte do famoso poeta Francisco de Sá de Miranda. Era natural de Coimbra, e falleceu tendo de idade 63 annos.

16

1590 — Os portuguezes attacam o corsario Cunhale, derrotam-no e aprisionam-no.

1582 — Os hespanhoes tomam a fortaleza de Angra [hoje de S. João Baptista] aos partidarios do prior do Crato, D. Antonio, os quaes a tinham em nome delle. — Dahi a sessenta annos, no mesmo dia, torna a cair nas mãos dos portuguezes, que tinham aclamado por seu rei a D. João 4.^o

1616 — D. Vasco da Gama e D. Francisco Rolim tomam e mettem debaixo do nosso jugo a cidade de Soar na costa da Arabia.

17

1504 — Duarte Pacheco com uma náu, uma caravela e dous navios pequenos destroe uma grossa armada de Calecut.

Roga-se aos Srs. Assignantes deste Jornal, que subcreveram por um anno a findar no ultimo d'Abril com o n.^o 52, e quizerem continuar, tenham a bondade de renovar a tempo as suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na entrega dos n.^{os}

Desejando a Direcção estabelecer as assignaturas regularmente com o anno civil, são por este convidados os mesmos Srs. Assignantes a fazerem as suas novas assignaturas, ou por 2 mezes a findar no ultimo de Junho, ou por 5 dictos acabando em Setembro, ou por 3 findos em Dezembro do corrente; ou então por 14 mezes. Os preços serão os seguintes:

Pelos 2 mezes, ou 9 n. ^{os}	210 réis
— 5 d. ^{os} , ou 22 —	550 —
— 3 d. ^{os} , ou 35 —	850 —
— 14 d. ^{os} , ou 61 —	1410 —

Roga-se aos Srs. Correspondentes hajam de tomar as assignaturas nesta conformidade.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.